

«A Democracia Não é Estática, Mas Dinâmica. E Será Que a Estamos Praticando?»

Comício do Sul 13-3-48

«Queremos, simplesmente, contribuir para a redenção política do povo brasileiro, condição preliminar e indispensável para a sua redenção econômica»

«É imensamente grata ao meu coração a oportunidade, que se me ofereceu, de participar do congresso político que ora se encerra. Desejei-a, procurei-a e aqui estou, depois de haver percorrido centenas de quilômetros e haver deixado de lado muitos municípios, na peregrinação que vinha fazendo.

«É que Bagé, senhores, exerce verdadeiro fascínio sobre os espíritos liberais e democráticos. A sua tradição é a tradição da luta pela liberdade. Foi a Mãe do Federalismo e um dos mais fortes bastiões do Partido Libertador. Aqui teve este o seu nascimento, em 1928, graças à poderosa inspiração de Assis Brasil: aqui viveu a vida em 1945, após 15 anos de ominosa ditadura, quando muitos o eriam morto e sepultado. Em Bagé nasceu e renasceu o Partido Libertador; e em Bagé há de ele vir buscar a inspiração e o alento, toda vez que as dificuldades o assobebarem.

«Criam-no morto e sepultado. Morto para a democracia, o que resistira à Ditadura e com ela nunca se conformara: morto para a liberdade, o que nunca a abraçoara.

«Como poderia ser isto, senhores? Iamos ter democracia, mas nela estaria proscrito o Partido Libertador, o seu defensor mais esforçado e vigilante? Assim o esperavam os falsos democratas, que só conhecem a democracia para a explorar e trair. Assim o esperavam mas foram malogrados na sua esperança, porque os libertadores triunfaram de todos os obstáculos e insidias e, finalmente, nesta histórica cidade de Bagé, num memorável Congresso, viram ressurgir o Partido Libertador, e não já como partido estadual, senão como partido nacional.

«Tais são os vãos designios dos homens, quando se opõem às causas justas. Imaginaram a exigência de partidos nacionais, excluiram a possibilidade legal de partidos estaduais, como era o Partido Libertador, e desta impossibilidade se valeram para esconjurar o fantasma que ele seria para a sua consciência inquieta, se reaparecesse. E qual foi o resultado da tentativa de estrangular no nascedouro a nossa agremiação? Que, em vez de continuar, como tinha sido até o golpe de Estado de 10 de novembro, simples partido estadual, se tornou um verdadeiro partido nacional, estendido do Rio Grande do Sul ao Pará.

«É que, se a democracia ressurecta pudesse ser algo mais que uma palavra óca, nela não poderia faltar o Partido Libertador. A democracia não é estática, mas dinâmica: não é como um edifício, que, depois de construído por si se mantém e só muito lentamente se arruina pela ação do tempo, mas se assemelha antes a

um ser vivo, que só pelo esforço, pelo movimento sobrevive, e se esborôa, se desfaz em pó quando lhe vem a faltar o impulso interior. Por isto, uma constituição, por mais democrática que seja na sua letra, não é ainda a democracia, senão somente uma das suas condições. Para que tenha vida, mistér se faz seja servida por partidos, por verdadeiros partidos democráticos, que lhe insuflam o seu alento.

Poderia, pois, faltar o Partido Libertador no quadro da nossa vida política, ao reinstituir-se a democracia? Bem vêdes, senhores, que não, e que, se ele houvesse faltado, se eficazes tivessem sido os esforços para o sufocar, tudo se poderia dizer do novo regime, menos que fosse democrático. Democracia sem democratas, ou democracia em que os democratas são proscritos, não pode ser, por certo, democracia.

«Era, pois, fatal, que o Partido Libertador ressurgisse, como ressurgiu nesta invicta cidade de Bagé. Era como um fantasma acusador para a consciência ou a semi-consciência de muitos, mas era uma necessidade inelutável da democracia brasileira. Com ele, esta poderia progredir, desenvolver-se, aperfeiçoar-se: proscrito ele, como se pretendeu, nem sequer comêço de existência teria tido a nossa democracia.

«Mas, senhores, será realmente democracia o que estamos praticando? Para o acreditar, mistér seria não conhecer da democracia nem o abecê. Temos uma roupagem democrática: a constituição. E temos algo mais: que seria injusto desconhecer: o voto secreto. Mas, em verdade, se já não somos uma ditadura, como fomos até 29 de outubro de 1945, também não constituímos ainda uma verdadeira democracia. Reincidimos no erro antigo, perseverando no regime presidencial, quando tudo indicava que devíamos mudar de rumo. E o agravamos, entregando a delicada tarefa de democratizar o País, áqueles mesmos que haviam exercido a ditadura e só a abandonaram quando compreenderam que ela já não poderia subsistir. A sua mentalidade é quase a mesma: quase as mesmas as suas práticas. Sob o especioso pretexto de que não foram expressamente abrogadas, nem substituídas, continuam a ser aplicadas muitas disposições nitidamente ditatoriais.

«Não temos ainda verdadeira democracia no Brasil mas, e isto é o que mais importa, temos a possibilidade de instituí-la. Esta é, senhores, a verdade que precisa ser dita e redita, até impregnar todas as consciências. Acreditar que isto que aí temos é democracia, seria perigoso, pois levaria à inação ou ao desgosto, á conformidade com uma falsa democracia, ou á descrença de

verdadeira. Ignorar a possibilidade de sair do que temos, para o que deveríamos ter, seria ainda mais perigoso.

«Estamos, senhores, no caminho da democracia; estamos agora no caminho, como fóra dele estivemos de 1937 a 1945. Pois bem, a tarefa fundamental do Partido Libertador é não só evitar que nos desviemos, mais uma vez, mas também levar-nos á meta. Nesse cogumelar de partidos políticos, muitos dos quais melhor se diriam agrupamentos eleitorais, nós temos uma tarefa precisa, fundamental, urgente. Outros podem comprazer-se com arranjar cargos, ocupar posições, em suma, alcançar o poder; nós, porém; assumimos a missão de levar o País á prática da verdadeira democracia.

«Seremos demasiado ambiciosos? Talvez. Mas a verdade é que nos não contentamos, com menos. Queremos simplesmente, contribuir para a redenção política do povo brasileiro, condição preliminar e indispensável para a sua redenção econômica.

«Temos, para semelhante tarefa, uma autoridade que ninguém nos poderá contestar. Apresentamos aos nossos coneadãos uma solução apoiada pela doutrina dos maiores publicistas e pela experiência dos povos democráticos. Guia-nos o pensamento tutelar de dois grandes vultos de dois mestres da democracia: Gaspar Martins e Assis Brasil.

«Sim, senhores. Por mais que se queira acentuar as diferenças secundárias, entre Gaspar Martins e Assis Brasil, são muito maiores as identidades fundamentais.

«Democratas verdadeiros, democratas que só na democracia concebem se possa viver dignamente, combateram igranados o despotismo que, sob a denominação de república, imperou no Estado e na Federação, e apresentaram substancialmente a mesma solução: govêrno coletivo e responsável.

«Com êste passado, com tais patronos, com semelhantes idéias, como não haveremos de vencer? Vencemos certamente, vencemos, pelo menos, como já temos vencido: não conquistando posições, que são, caçadas e perversoras, mas impondo e realizando as nossas idéias. Se, em boa e sã política, as posições só importam em quanto servem para a realização das idéias, melhor é ainda realizar as

idéias sem ter necessidade das posições. É o que temos feito. Lutámos durante muitos lustros contra as reeleições de governadores e prefeitos, e acabámos com elas. Combatemos contra a carta ditatorial de 14 de julho, e ela terminou sendo derogada. Pugnamos incansavelmente pelo voto secreto e o temos hoje af, a servir de alicerce á democracia que há de vir.

«Assim são as nossas vitórias: vitórias de idéias e princípios, vitórias que não falham. Não falham, porque, se venceremos nas urnas, como tem acontecido e daqui por diante, cada vez mais frequentemente há de acontecer, nós mesmos realizaremos as nossas idéias: se vencidos somos, como não raro acontece ainda aos defensores das melhores causas, são os nossos próprios adversários que, conquistados finalmente por nossas idéias, as vão realizar.

«Explica isto, senhores, o que constitui a admiração e o espanto de muita gente. O Partido Libertador é um milagre de resistência: depois da aparente derrota, mostra-se ele mais animoso, mais combativo, talvez mais forte do que antes. É que o Partido Libertador tem uma mensagem para a nação brasileira, uma mensagem que ele tomou a si e não pode deixar de transmitir, quaisquer que sejam as dificuldades do caminho. Se cai, levanta-se e retoma a sua marcha com maior decisão ainda.

«Esta mensagem, que há tantos anos vimos transmitindo e propagando, pode resumir-se nos dois luminosos binômios de Assis Brasil: representação e justiça; educação e riqueza. Queremos que o povo seja livre e viva dignamente. E, como não queremos mais do que isto e só queremos isto, imensa é a nossa força. Os governos e os regimes têm-se sucedido, mas nós permanecemos e permaneceremos até a vitória definitiva, porque, não em nós, senão fora e acima de nós puzemos o nosso objetivo.»

DR.
DARCY G. NOGUEIRA
Reiniciou sua
clínica.

MANÇADAS DO VELHO SOUZA

